e·cult
mídia ativa

distribuição gratuita Ano IV - Edição #13 | Maio 2013

A doçura eletrônica da

Musa Híbrida

Janela de Cinema
busca colocar Pelotas na rota de mostras e festivais

Entrevista com
Barthira Franco,
diretora do Teatro Escola de Pelotas

EDITORIAL

e-politik

Que a política interfere na arte, parece óbvio. Mas e a arte, interfere na política? A relação entre esses campos geralmente passa despercebida por olhares menos treinados. E é com alguma furtividade e malandragem que essa edição do e-cult insere algumas reflexões pra quem puder ver.

De outra parte, se a edição passada se concentrou na música, dessa vez trouxemos à baila cinema e teatro. Aqui ao lado, a diretora do Teatro Escola de Pelotas, Barthira Franco, fala sobre a sua experiência na área. Mais para o final, conhecemos a programação da Janela de Cinema de Pelotas, que pretende, ainda que temporariamente, libertar a cidade do jugo dos blockbusters.

Na matéria central, fazemos uma colagem de vozes, misturando informação, narrativa e opinião, para tratar da curta mas já agitada existência da banda Musa Híbrida. Já a sua antecessora, a falecida Canastra Suja, tem seu canto de cisne destrinchado na contracapa.

Na redação, o acúmulo de funções não para, e dessa vez é Roberto Soares Neves quem vai para as colunas pedir espaço para a música autoral. Já Guilherme Oliveira retorna para explicar a sua "translação antropofágica". Alguém falou em tomadas de posição? Nada a ver, companheiro, tás vendo coisas.

EXPEDIENTE

Ano IV - Edição #13 | maio 2013 | Pelotas, RS

Editor/Fundador
Deco Rodrigues | deco@ecult.com.br

Editores
Leon Sanguiné | leonbolivar@gmail.com
Roberto Soares Neves | rsnows@gmail.com
José Antonio Magalhães | jamagalhaes22@gmail.com

Diretor Comercial
Rafael Dutra | (53) 8117-6974

Projeto gráfico e Diagramação
Rafael Peduzzi | rafaelpeduzzi@gmail.com

Impressão
Gráfica Diário Popular - Pelotas/RS

Tiragem
4.000 exemplares

Foto da capa
Pedro Dias

Impresso em papel imune, conforme Inciso VI, Artigo 140 da Constituição Federal

Financiamento:

ProCultura

PREFEITURA DE PELOTAS
SECRETARIA DE CULTURA

Berthira Franco leva o Teatro Escola ao centenário

ROBERTO SOARES NEVES

No ano que vem o Teatro Escola de Pelotas completa 100 anos de existência. Nasceu em 1914 com o nome de Corpo Cênico da União Pelotense, dirigido por Antônio Alves dos Reis, português radicado em Pelotas. Em 1946 recebeu seu nome atual. Correu o país, arrecadou prêmios. De 1972 a 2004 teve a frente o lendário Valter Sobreiro Junior. Atualmente, promove vários cursos e oficinas, junto com parceiros como o Pless - Studio de Ballet e Movimento, e mantém um ateliê do TEP que desenvolve cenários, figurinos, adereços e maquiagens para grupos teatrais, companhias de dança, entre outros.

Barthira Franco tem a sua própria efeméride para 2014: serão dez anos no papel de quinta diretora do grupo teatral mais antigo do país. Cria do próprio TEP, ela é referência no teatro pelotense, joga quase nas onze e prepara desde já as comemorações do centenário. "A partir de 20 de junho deste ano, entraremos em contagem regressiva", ela diz, revelando apenas que estão a caminho dois espetáculos novos e uma remontagem.

Podes comentar brevemente a tua relação com o teatro?
Minha relação com o teatro começou por acaso, no início da década de 90, quando acompanhei uns amigos até a "Escola Técnica", onde fariam uma oficina com o Valter Sobreiro Junior. Minha intenção era assistir, apenas, mas lembro até hoje das palavras do Valter: "Assistir, não pode. Ou faz ou vai embora." Eu, então, totalmente constrangida, não quis levantar e sair, e acabei participando da oficina.

A partir daí, me apaixonei pelo teatro. E as coisas foram acontecendo. No ano seguinte, já atuava nos espetáculos do TEP e trabalhava na Escola de Teatro. Lá, concluí todos os cursos oferecidos, além de participar das diversas oficinas que eram promovidas pelo TEP. Trabalhei como professora, coordenadora de cursos, fui Diretora Adjunta, até ser eleita, em 2004, Diretora Geral Responsável, cargo que ocupo até hoje.

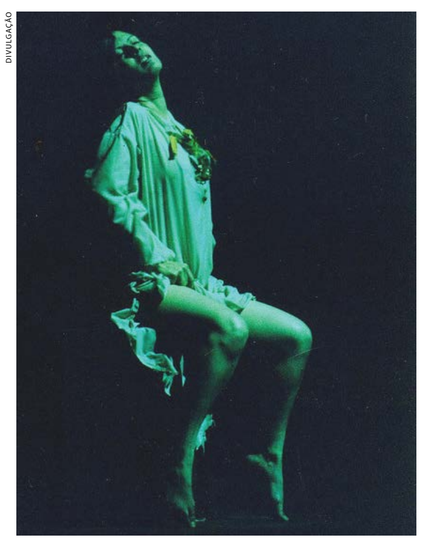
Na adolescência, o teatro modificou minha maneira de ver as coisas, de me relacionar com as pessoas, e hoje sei que sou uma privilegiada por poder

DIVULGAÇÃO

viver daquilo que gosto.

Como foi pra ti substituir o Valter?
Uma responsabilidade e tanto! Primeiro, veio o medo e o frio na barriga de não corresponder à altura. Depois, a coisa fluiu tranquilamente. Creio que contribuí bastante e que consegui imprimir o meu estilo - que apesar de mais contemporâneo e, por que não dizer, mais feminino, tem muita referência "sobreiriana". A escola do mestre deixa marcas indeléveis. (risos) Hoje me vejo novamente em uma situação parecida: remontar o espetáculo "Don Leandro ou Os Sendeiros do Sangue", que além de ter sido escrito pelo Valter, foi dirigido por ele em 1997.

DIVULGAÇÃO



Como seria esse estilo mais contemporâneo?
O fato de sermos "o grupo mais antigo do Brasil em atividade" acaba por imprimir, muitas vezes, uma imagem antiquada, de "teatrão", como se diz. Procuro empregar métodos mais atuais na construção do espetáculo, na preparação dos atores. Sempre que possível, isso acaba por se traduzir na visualidade do trabalho. Mas não me privo de usar também uma abordagem mais tradicional, se julgar cabível. São escolhas que vão depender da proposta, do texto, do elenco, dos recursos financeiros... (risos)

No teu período à frente do TEP, o que mudou nele e no teatro em Pelotas?
Quando assumi a direção do Teatro Escola, retomei os cursos de interpretação, atividade que havia sido encerrada em 1998, quando do fechamento da nossa sede, e empenhei-me na tarefa de revitalizar a instituição, aliando à tradição adquirida pelo grupo preceitos contemporâneos na formação de novos atores. Também democratizamos o acesso aos nossos espetáculos, levando o teatro para a rua, onde todos pudessem assistir, gratuitamente. Era preciso dar uma nova cara ao TEP, e é o que venho tentando fazer. A sociedade passa por mudanças significativas, e o teatro precisa acompanhá-las. É necessário modificar-se, adequar-se a essas mudanças, sem que no entanto o teatro perca sua essência, seu propósito.

A cena teatral da cidade sempre teve seus altos e baixos. É verdade que a interdição do Theatro Sete de Abril acabou por diminuir o número de produções, mas isso também fez com que se buscasse a utilização de espaços alternativos, o que, muitas vezes, induz à experimentação de novas linguagens. A implementação do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas também deu um novo gás para o movimento teatral. São ciclos. E a eles vamos nos adaptando.

E em que ciclo estaríamos agora?
Acredito que em um ciclo muito promissor, de grande produtividade.

Tu falou sobre levar o teatro pra rua, quero saber a tua opinião sobre a distância que as pessoas têm do teatro e se tu acha que ele é visto como uma arte elitista.
O teatro até pode ser visto por alguns como uma arte elitista, mas considero essa visão totalmente equivocada. O acesso ao teatro, hoje, precisa ser facilitado, isso sim, mas se formos falar do que causa essa distância... bem, teríamos que fazer uma outra entrevista, e esta provavelmente causaria alguma polêmica... (risos) Mas como já mencionei, a sociedade passa por um período de mudanças, e o teatro precisa acompanhá-las.

O Sete de Abril tinha realmente tanta importância, a ponto de afetar a produção?
O Sete de Abril TEM importância, antes de tudo, por sua riqueza histórica, cultural e arquitetônica. Quando digo que sua interdição interferiu no número de produções, me refiro às montagens para palco italiano, como era, há alguns anos, a grande maioria dos espetáculos, às quais o público estava acostumado. A perda de um espaço público, e por que não dizer, democrático, um teatro bem equipado no que se refere a sonorização e iluminação, e com um custo de aluguel acessível, acabou limitando bastante esse tipo de montagem. Nem todos os grupos podem ou querem arcar com as despesas de locação de uma casa privada, além do aluguel de equipamentos e da contratação de serviços terceirizados. A solução, então, é experimentar novas linguagens e buscar espaços alternativos, como vem se fazendo.

Como é a interação entre os grupos de teatro da cidade?
Vejo que cada grupo tem o seu diferencial, e é muito importante que troquemos informações e experiências. Sempre estaremos buscando essa troca, prestigiando uns aos outros e abrindo espaço para o "intercâmbio", digamos assim, de atores nos espetáculos.

Como foi a escolha do "Don Leandro" para as comemorações?
A idéia era produzir dois espetáculos novos e uma remontagem. Depois de pesquisar nosso repertório, ficamos entre "Maragato" e "Don Leandro", que para nós eram muito significativos, não só pelo êxito que obtiveram, mas também por apresentarem uma abordagem regional. Além disso, foram escritos por Valter Sobreiro, diretor de inegável importância para o grupo. Acabamos optando por "Don Leandro", por acharmos que o espetáculo teve vida curta, apesar do sucesso que alcançou. E por isso merecia uma nova montagem.

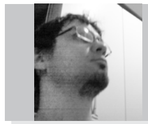
Tu atuas, diriges, fazes maquiagem, cenografia... Tem alguma função no teatro em que tu não te aventuraste ainda?
Sim! Ainda não me aventurei na dramaturgia - embora já tenha feito algumas adaptações, por necessidade mesmo. Também não mexo com iluminação. Fiz algumas oficinas, mas só por curiosidade, não é mesmo a minha praia. Até sonoplastia já fiz.

DIVULGAÇÃO

Costumo brincar dizendo que sou atriz na essência, e diretora por força das circunstâncias. E o resto foi vindo naturalmente. Quando criança, costumava pegar as revistas da minha mãe e "remaquiar" com canetinha hidrocor as mulheres que estampavam a capa. Talvez daí minha facilidade. Também da infância veio o meu gosto pelo desenho e pelos figurinos - sempre pensava neles quando brincávamos de "teatrinho" na vizinhança. Quando entrei para o TEP, além de me envolver nas aulas e nos espetáculos, ajudava o João Bachilli na execução dos figurinos e das maquiagens. Fazia coisas básicas, mas o suficiente para absorver coisas novas e aprimorar o que eu já sabia. Aprendi muito com o João!

Como sou uma pessoa curiosa e também perfeccionista, acabo devorando todos os livros que posso sobre esses temas - além dos cursos e oficinas, claro.

E como foi a experiência com o samba enredo da General Telles ("Em Festa de Bamba, o Teatro Vira Samba", campeão do carnaval em 2010)?
Criei três enredos, e a Direção da Escola acabou por escolher o que falava sobre as semelhanças entre Teatro e Carnaval. Criei o enredo, com o posterior apoio da Andrea Mazza e do Francisco Vitória na parte da pesquisa e do Fabrício Ghomes no desenvolvimento, e também assinei a criação de todas as fantasias e carros. Consegui mexer bastante no visual da Escola, inclusive trazendo cor para o desfile, uma vez que o vermelho, branco e preto dominavam há alguns anos. Para minha alegria, a Telles sagrou-se campeã. Mais uma vez o Teatro rendeu frutos.



Roberto Soares Neves

Roberto Soares Neves é músico frustrado e jornalista até prova em contrário.

Essa canção anormal

Não sou um xiita do apoio ao cenário local. Antes de mais nada, acho que o músico local tem que se ajudar. De nada adianta criar música com a estética xerocada das suas influências e reclamar que não tem espaço porque a galera prefere ouvir o original. Nem entro no mérito de músicos que não comparecem a nenhum show em que não vão tocar. Mas uma banda tentando ser autoral ainda é melhor que uma que nem tenta.

A questão me ocorre ao saber da seleção para o Sete ao Entardecer. Se alguém não sabe, é um projeto em que a prefeitura oferece shows de artistas locais de graça. A princípio era no Sete de Abril, esse ano vai ser itinerante. No caso, foi reaproveitada a seleção do Projeto Verão 2013, cancelado pelo Corpo de Bombeiros - até aí, uma ideia muito boa, compensando as bandas que não puderam tocar. O problema é a quantidade de bandas escolhidas no projeto anterior que nunca tiveram nem a intenção de criar qualquer coisa. Existem só pelo entretenimento - algumas com finalidade puramente comercial.

Pensemos: para que serve o Sete ao Entardecer, ou qualquer projeto cultural do poder público? Para oferecer entretenimento puro e simples a um povo sedento de mais do mesmo? Ser uma reprodução em baixa escala do que vemos em qualquer meio de comunicação? Acho que não é por aí. São muitos os artistas locais que gastam suor e neurônios escrevendo as próprias histórias, prontos pra mostrar ao mundo o que sai dos seus quartos e garagens antes do vizinho reclamar. Em qualquer gênero, do samba ao heavy metal, do rap ao jazz, pode-se encontrar pelo menos uma pessoa ou grupo que faz questão de compor.

É nesses que deveríamos nos focar. "Mas Roberto, queres fechar o espaço pra metade da galera?" Sim, meu amigo. E garanto que não vai fazer falta aos "excluídos". A noite pelotense está cheia de bares, restaurantes e casas noturnas em que o público vai já esperando ouvir seus Caetanos e Renatos Russos. E esse espaço sim, é quase lacrado ao som autoral.

Daí a importância desses projetos. Servem para nos lembrar de que não precisamos ser cópias. Somos capazes de criar e nos divertir (o que, afinal de contas, é a moral da coisa toda) com as nossas criações. E com alguma vontade e incentivo, podemos produzir com qualidade. Exemplos de músicos "exportados", cujo mérito os levou a horizontes longínquos, não faltam.

Não deveria nem ser uma opção numa cidade que enche a boca pra falar de cultura. Deveria ser um padrão irredutível. Shows com entrada gratuita são laboratórios de formação de público. Queremos um público que quer mais do mesmo e valoriza o que é criado lá fora, ou um público curioso que presta atenção no que acontece por aqui? Claro que é injusto pedir isso de um projeto que já parte de uma escolha prévia. Mas quem sabe nos próximos...

Existe amor em SP?

Membros da Musa Híbrida contam sobre a formação da banda e sua recente turnê por São Paulo

JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

Em 2010, Camila Cuqui era uma campinense recém chegada a Pelotas para cursar Artes. Certa noite, ela e uma amiga aceitaram ir beber na casa de uns rapazes que conheceram numa pizzaria. Uma casa azul na Álvaro Chaves. Num baita pôster pendurado na parede lia-se "Canastra Suja". "Nossa, esses meninos são fãs dessa banda, hein!", pensou Cuqui.

Um dos rapazes se chamava Alex, e já pegou um violão para tocar um blues. Outro se chamava Alércio. Numa certa altura, Cuqui pediu o violão e cantou uma canção da Kate Nash. Caíram os queixos dos donos da casa. "Ficamos todos cobiçando a Cuqui", lembra Vini Albernaz, então tecladista da Canastra Suja e hoje membro, junto a Alércio e Cuqui, da Musa Híbrida.

Da máquina à musa

Nessa época, a Canastra Suja ainda era uma banda nos moldes do rock gaúcho, com raízes no blues. Depois, quando o baterista Gafanha saiu, resolveram experimentar com sons eletrônicos, com os quais Vini vinha se familiarizando. Até então fã do rock virtuoso dos anos 70, ele tinha começado a se interessar por sons mais simples e se aproximado da música eletrônica. "Me viciei naquilo e achei mais legal do que tocar teclado." As canções passaram a nascer no estúdio improvisado no quarto do baixista Alércio, ainda na Casa Azul. No mesmo período, inspirado pelos livros que lia constantemente, Alércio começou a escrever suas próprias canções. Criava uma harmonia, memorizava a métrica e ia escrevendo, escrevendo. "Eu sempre quis ser escritor, eu nunca fui muito bom com música, tá ligado?"

Desse processo de mudanças nasceu o segundo disco da Canastra, que só há pouco veio a público. "Máquina Loucura" é o retrato de uma banda desconstruindo o próprio conceito, e ao mesmo tempo a documentação do fim da banda. É um disco de transição, mas de uma transição abortada. Do outro lado dessa transição - mas para fora da banda – dá para dizer que está a Musa Híbrida.

Primeiro Alércio e Vini convidaram Cuqui para cantar "Coisas", uma canção doce, parceria de Alércio com a amiga Mariana Gastal. Depois "Aura Amara", adaptação de um poema do século XII na tradução de Augusto de Campos. A primeira com letra de Alércio foi "Maria Clara", criada para o curta de mesmo nome do diretor Leonardo Peixoto. Mas foi só para inscrever o futuro disco em um edital que resolveram fazer do projeto uma banda com um nome. "Musa Híbrida" é o nome de uma canção recente de Caetano. Expressa a vontade de ser atual, mas sem descartar a influência do passado. Carrega também o elemento feminino (muito mais presente na Musa do que na viril Canastra) e a vontade de misturar, o acústico-eletrônico, a literatura-canção etc.

Em meados de 2012, Cuqui foi para o apartamento onde os rapazes tinham ido morar em Porto Alegre e montado um estúdio. Em algumas semanas, gravaram o disco.

A vida sem aspas

A estrutura da Musa Híbrida é especial. As canções de Alércio, esquisitas, literárias, servem de esqueleto, e são cobertas por toda a armadura sonora de Vini, que as eleva ao seu potencial, e que apesar de ruidosa é transparente o suficiente para manter visível a essência voz-e-violão das canções. Cuqui entra como avatar da banda. É através da sua personalidade doce, da sua voz, da sua presença, que as canções se mostram em uma dimensão inesperada de delicadeza e androginia. A banda é um tripé de elementos que atuam em planos diferentes e se complementam.

A primeira canção do disco, "Aura Amara", é boa escolha porque apresenta bem os três elementos. Começa quieta, com a canção em primeiro plano, e no final se transforma em uma eletrônica que lembra Moby. Já a segunda canção inaugura o lado tenso do álbum, que vai culminar em "Seamar". A voz de Alércio, que desliza entre a fala e a melodia e desafia o desafino, interage interessantemente com a de Cuqui, e gera uma tensão. "El Preservativo" mistura a poesia do argentino Cristian de Nápoli com o funk carioca - e aqui é a Musa que antecipa o "Funk Melódico" de Caetano (embora justamente o tipo de melodia impeça ambas de serem funk).

As aparições constantes da poesia no disco não são sem motivo. Alércio, que passou pelo curso de Letras e vive no meio dos livros, aborda a composição por esse lado. "Quando o cara começa a estudar literatura, o cara vê o lance da intertextualidade, tipo copiar e colar, transformar, e isso é do caralho". Seu mote é "a vida sem aspas". Daí o disco ser crivado de referências, e um breve passeio pelo quarto do rapaz ser suficiente para reencontrar várias delas nas estantes de caixas de feira.

As influências na música também não são escondidas, a começar pelo próprio nome da banda. Alércio conta que quase só escuta música brasileira - "porque eu acabo me ligando muito no texto". A forma oblíqua de tratar temas, a sintaxe desconexa das canções, lembra sim Caetano, e se inspira no concretismo dos irmãos Campos, de quem Alércio é fã.

O disco termina com "Frevo Te Liga", faixa em que Vini se aventura sozinho no eletrônico, e "Finnicius Wake", uma canção simpática e bem humorada sobre os percalços vividos por Alércio ao tentar ler "Finnegans Wake", livro de James Joyce e famoso pela dificuldade.

PEDRO DIAS

Seu primeiro disco já tem cativado ouvintes

Se espalha pelo mundo

Raphael Evangelista, da produtora pelotense 2DL, tinha os contatos em São Paulo por já ter tocado por lá com o seu Duo Finlândia. Foi ele quem articulou os shows, junto a Ana Paula Maich, também da 2DL, que acompanhou a banda. O plano era fazer 16 shows, mas a tragédia de Santa Maria resultou em muitos lugares fechados. Restaram os shows do dia 2 de abril em Sorocaba, dia 5 em São Paulo e 6 em Campinas.

Em Sorocaba, tocaram no projeto "Música na Cidade", da UFSCar (Federal de São Carlos). "Essa Sorocaba que conheci me lembra muito Mato Grosso, o piso, as janelas de ferro, a cor da terra, o café na térmica já com açúcar", me escreve Alércio por e-mail. Em São Paulo, o show principal foi no Kabul Bar, do qual o leitor pode se inteirar no quadro com nosso Leon Sanguiné, que estava lá.

Depois de três anos em Pelotas, Cuqui voltava a São Paulo, com as suas luzes e o seu céu cor-de-rosa por conta da poluição. "Aqui tudo funciona magicamente", escreve de lá, "São Paulo tem cheiro de vida a qualquer hora". Na sua terra natal, Campinas, Cuqui tocou pela primeira vez para velhos amigos e caras novas.

Os primeiros dias em São Paulo foram passados na Casa Fora do Eixo da cidade, uma casa enorme, coberta de arte e cheia de gente que trabalha conectada à internet. Depois de conhecer Barizon e Tânia, da Produções Paralelas (produtora que, como no nome, estava produzindo a turnê paralelamente com a 2DL), no show do Kabul, foram ficar no apartamento de Tânia. A moça de olhos puxados vive envolvida com artistas de todo o país, e lá também mora o Mancha, dono da "Casa do Mancha", casa de shows onde antes morava ele e frequentada hoje por produtores em busca de novos sons autorais.

"Essa parte dos contatos, da informação que a gente trocou foi o mais mágico. A gente teve alguma noção de como as coisas funcionam em São Paulo, coisa que a gente não tinha antes", conta Vini. "O pessoal é unido. Existem casas onde vai a galera independente e o pessoal paga pra ver. É sustentável". "Em Porto Alegre", compara Alércio, "ainda não existe esse mercado, mas talvez esteja a ponto de se consolidar". Ele menciona o projeto "Escuta" como ponto de articulação de compositores locais e especula que talvez em alguns anos a música em Porto Alegre chegue à viabilidade que hoje tem em São Paulo.

A experiência da viagem serviu para dar a ver aquilo que é possível. "Não há certeza de nada", admite Vini, "mas a gente viu que existe um caminho".

PEDRO DIAS

Marco Feliciano não os representa

Este sabor de amar

JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

Eu sou apaixonado por todos os membros da Musa (pena que nenhum deles curte rapazes). Mas eu vejo – sim, isto é uma teoria minha – que não estou sozinho. Por razões que eu vou tentar esclarecer, formou-se ao redor da banda uma aura de amor, e é um amor – também teoria minha – que tem sua dimensão política.

Em outubro do ano passado, o festival "Existe Amor em SP" reuniu milhares de pessoas na Praça Roosevelt (que se tornou Praça Rosa) para apresentações gratuitas de artistas como Criolo, Emicida, Gabi Amarantos, Karina Buhr e Thiago Pethit, artistas de uma cena da qual a Musa é participante mais nova. A organização foi do Fora do Eixo, que já tinha articulado, na mesma linha, o protesto "Amor Sim, Russomano Não", onde a cor rosa já simbolizava o amor em oposição a todo o atraso moralista que assola o país.

Desde a simbólica ascensão do deputado e pastor Marco Feliciano à presidência da CDHM, as manifestações que usam a simbologia do amor têm se proliferado, especialmente na internet, como é o caso dos "beijos contra Feliciano" e do cartunístico "beijaço do Laerte".

Nos shows da Musa Híbrida, o discurso, tanto por parte dos fãs quanto da banda, é um discurso do amor. Expressões como "muito amor" e "seus lindos" são constantes tanto nos shows quanto na internet, onde dividem o espaço com muitos corações vermelhos. Isso talvez por causa das canções, ou da própria aura da banda, ou também porque a Musa acabou tendo, por algum motivo, um apelo especial para o público gay, cujo amor é também bandeira política. O que importa é que o amor está, de alguma forma, palpavelmente lá.

Em um contexto onde o conservadorismo ganha poder, uma canção de amor tem dimensão política. Uma banda do amor é uma banda política. A teoria, como disse, é minha, mas os membros da banda se identificaram. "É a minha filosofia de vida, e talvez a do Vini também", pensa Cuqui, "pra mim é político". "Acho que tá entrando na cabeça das pessoas que o desamor talvez seja responsável por muita coisa", comenta Vini, "as nossas letras não são de protesto, mas elas são políticas ao mesmo tempo". "O fazer da arte", complementa Alércio, "sempre tem esse lance social embutido nele, mesmo que não seja explícito".

A questão de se a arte influencia a política é objeto de discussão e de algum ceticismo. Ainda assim, tendo a ser mais afeito a mudanças graduais de comportamento do que a revoluções instantâneas baseadas em ideais. Os ideais são sempre rígidos, abstratos, desconectados. As transformações culturais são mais demoradas, mas mais orgânicas.

Que a lenta revolução do amor não demore tanto, e que cada pequena manifestação dele a componha.

PEDRO DIAS

Uma das bandas mais promissoras da cidade

Musa Híbrida no Kabul Bar em Sampa

LEON SANGUINÉ

Me perdi umas quarenta e cinco vezes antes de chegar no lugar. É bizarro como São Paulo é o lugar onde mais se deve usar GPS e em que o serviço menos funciona. Enfim, fui andando até que dobrei numa rua e no final dela estava escrito em um cavalete com quadro negro: Musa Híbrida.

Chegando lá, muita galera de Pelotas (contando os gringos que moram no sul e os pelotenses que moram fora), mas também muita gente que estava lá só por querer curtir a sexta-feira no Kabul. Fui cumprimentado pelos conhecidos e logo me escondi num canto pra esperar o show. O lugar era pequeno e legal, num estilo meio Santa Martha, com mesas e essas coisas, mas com aquele cheiro de eucalipto do Nova York Irish Pub que está entre as dez coisas que eu mais odeio na vida. Vocês não ficam com dor de cabeça também? Enfim.

O show rolou nos moldes dos já vistos em Pelotas, com o setlist formado pelas músicas do disco lançado no final do ano passado e o cover futuristicamente repaginado de "Hô-bá-lá-lá" de João Gilberto. O público foi respondendo bem, até que em "Frevo te Liga", provável melhor momento do show, resolveu finalmente dançar embalado pelas teclas de Vini Albernaz. Senti falta do já tradicional coro em "Maria Clara", mas ele veio também clássico em "Finnicius Wake". Depois de terminado o setlist rolou aquela sequência pedidos de bis – mas não temos mais músicas – repete uma então – ok, vamos tocar "Felicidade Clandestina" de novo. E assim tudo se encerrou.

intervalo
bar e restaurante
Eventos sem cobrança de aluguel do espaço
Horário de atendimento:
De segunda a sexta-feira
das 11h às 14h30min com almoço e
das 18h45min às 22h30min com jantar
Após às 15h lanches e à la carte
Aos sábados e feriados: das 11h às 14h30min
RUA GONÇALVES CHAVES, 370 - CENTRO - PELOTAS, RS | FONES: (53) 3225-3455 / 8118-5256

Janela de Cinema: o Cinema e o cinema em Pelotas

Evento visa à inclusão da cidade na rota das produções exibidas em mostras e festivais

LEON SANGUINÉ

A vida não tem sido fácil para os amantes do Cinema na terra onde as salas de exibição se transformam em estacionamentos. Com exceção de raras aparições de nacionais da Globo Filmes, o pelotense ultimamente tem sido obrigado a se conformar com os grandes blockbusters de estreias mundiais quando resolve sair de casa para comprar pipoca (ou bala de dentadura), sentar em uma sala escura e assistir a um filme. Atualmente, tem sido mais válido comprar a pipoca (ou a bala de dentadura), baixar algum título pela internet e assistir do sofá de casa mesmo. A qualidade da imagem geralmente é melhor, assim como o conforto do sofá de casa e ainda a pouca possibilidade de vazamento de áudio – a não ser que você seja vizinho de um conjunto musical ou de uma obra, como é o meu caso. Ainda mais em tempos de "locadoras virtuais", como o Netflix.

Por esses e outros motivos foi criada a Janela de Cinema de Pelotas, evento que trará para a cidade produções como "O Abismo Prateado", um dos nacionais mais aguardados do ano e que ainda não estreou comercialmente na capital. Para Renato Cabral, organizador do evento, o objetivo é exatamente este. "Pelotas sofre consideravelmente em termos de distribuição de filmes quanto a cinema. Nossas salas não trazem as verdadeiras produções nacionais que passam por festivais e mostras. Então, com a Janela se tem como objetivo trazer esses filmes, tornar eles acessíveis em uma sala por pelo menos quatro dias. Nosso cinema é riquíssimo e se destaca, caso do 'O Som ao Redor', considerado um dos melhores filmes do ano passado pelo New York Times e outras dezenas de publicações. Um dos melhores filmes brasileiros e temos brasileiros que nem conhecem esse filme ou que não assistiram devido ao acesso". Renato derruba a ideia do senso-comum de que a culpa para os problemas de distribuição é das distribuidoras. "É problema do exibidor que não quer abrir espaço para o filme nacional", aponta. Sobre o assunto, a equipe do E-Cult tentou contato com os responsáveis pelas salas comerciais pelotenses, mas não obteve sucesso. Em outras ocasiões, a justificativa foi a falta de "horário e espaço". Teoricamente, seria muito arriscado deixar de passar um filme como "Homem de Ferro 3" em algum horário para exibir filmes independentes. Cabral também tem críticas a essa visão. "'O Som ao Redor' esgotou ingressos por dias consecutivos durante sua semana de estreia em diversas cidades. É o eterno drama do nosso cinema: acesso, distribuição e exibição. A Janela vem, assim espero, pra tentar diminuir um pouco dessas barreiras".

A programação da Janela é extremamente democrática. Compõem-na desde títulos já com alcance nacional (mas que em Pelotas não foram exibidos comercialmente), até produções dos próprios alunos dos cursos de cinema da UFPel, como "O Livro de Regras de Beatriz", curta-metragem dirigido por Isadora Ebersol. Com essa proposta, a Janela se torna de suma importância para o desenvolvimento cultural da região sul, tanto no que diz respeito a consumo como à produção cinematográfica e de cultura em geral. "É uma forma de conhecermos o que se faz de cinema, o que se faz de cinema em geral e pelo Brasil. Temos longas tanto de Pernambuco como daqui de Pelotas. Assim como curtas de produtoras de Porto Alegre e outros daqui de Pelotas, além de muitos trabalhos universitários. É importante tornar esses trabalhos visíveis e necessário que o público tenha a oportunidade de conhecer as produções que são realizadas nos cursos de cinema da UFPel. A mostra vai do micro ao macro, do curta ao longa-metragem. É uma mostra pequeníssima comparada a grandes centros. Mas oferece um bom e rápido panorama de produções nacionais dos últimos dois anos. É uma forma de agitar e mostrar que o cinema precisa de espaços desse tipo. Pelotas tem público, faltam eventos", comenta Renato.

A escolha dos filmes exibidos partiu da prospecção de títulos a serem exibidos no Zero 3, cineclube que funciona no auditório do Centro de Artes da UFPel desde 2010 em sessões gratuitas com filosofia semelhante à da Janela.

DIVULGAÇÃO

"Quando eu vi, tinha muitos filmes nacionais que se conectavam de alguma forma, existia uma curadoria ali. E eram títulos ótimos, que refletiam o cenário audiovisual brasileiro atual e que mereciam um destaque melhor do que somente uma sessão em um sábado à tarde. Eles precisavam estar juntos e gerar uma reflexão. Uma linha de pensamento", diz o organizador que também faz parte da equipe do Zero 3. Na abertura, dia 22 de maio, os trabalhos iniciam às 14h com uma mostra de curtas gaúchos, aberta com o pelotense "Maria Clara", história de uma menina que descobre a beleza do amor e da infância através de uma troca de correspondências. A programação da mostra segue com "Os Meninos Perdidos", de Giordano Gio "Dinoshop", de Tainá Nepomuceno, "Desco's Milk Wrath", de Rafael Pizzo, "Pequenas Verdades", "Uma Estória Bela", de Gilson Jr, "Valentina", de Mariana Silveira "27 Corações", de Cris Aldreyn, "Ruído Branco", de Mateus Neiss, "O Rato", de Tatiana Misato, "Catalogárgula", de Lucas Neris e Luan Andrade e finalmente "O Segredo dos Lírios", dirigido por Brunna Kirsch e Cris Aldreyn.

Às 17h o Cinema segue com a mostra Lugares, uma parceria entre a ONG SOMOS e a produtora porto-alegrense Avante Filmes. Serão exibidos quatro documentários dirigidos por Filipe Matzembacher e Márcio Reolon. "A Turma" conta a história de um clube com mais de cinquenta anos de convivência. "A Rua" aborda o tema-título como espaço de sociabilidade LGBT. "A Rosa" conta a história de Rosa Mossoró, figura emblemática da vida noturna alagoana. Por fim, "O Âncora" trata de uma entidade mágica que protege navegantes e quem mais adentrar no bar Âncora do Marujo.

O primeiro dia da Mostra Principal começa às 18h30min com a exibição do curta "Anchieta, 815", dirigido por Guilherme da Luz e Jordana Coutinho. O filme é um documentário sobre o microcosmo de um espaço habitacional em Pelotas. Às 19h será exibido "Futuro do Pretérito: Tropicalismo Now", um olhar contemporâneo para um dos movimentos culturais mais importantes do Brasil. O longa conta com as participações de Alice Braga e Gero Camilo. O documentário da Moviola Filmes "O Liberdade", que teve em sua noite de estreia um Guarany lotado, fecha a noite às 20h45min.

Na quinta-feira, dia 23 de maio, acontece às 15h a mostra Avante Filmes, composta apenas por títulos da produtora. Tudo começa com "Um Diálogo de Ballet", história de um senhor, um jovem e a relação de ambos com o tempo. A direção é de Filipe Matzembacher e Márcio Reolon. Matzembacher também dirige o filme seguinte, intitulado "Preservativo", que trata da relação de um garoto de programa, uma vendedora de sex-shop e um adolescente virgem com o ato sexual. "Lugares Comuns que Nunca Sonhamos", de João Gabriel de Queiroz, encerra a exibição.

A Mostra Principal inicia às 16h30min com "Vou Rifar meu Coração", documentário de Ana Rieper que retrata o imaginário romântico, erótico e afetivo brasileiro a partir da obra dos principais nomes da música popular romântica, carinhosamente apelidada de brega. O filme conta com as grandes participações de Wando e Amado Batista.

Às 18h30min será exibido o curta-metragem "Tinha uma Pedra no Caminho", do glorioso Caio Mazzilli, estudante da UFPel. O filme conta o dia-a-dia de um viciado em crack que vê na escrita a leveza necessária para continuar vivendo. Às 18h45min será exibido "Mãe e Filha", de Petrus Cariry. O longa trata da separação de uma família que se reencontra no sertão entre ruínas e lembranças.

Às 20h45min a Mostra Principal se encerra com "Uma Longa Viagem", documentário de Lucia Murat que foi o grande vencedor do Festival de Gramado em 2011. É a história de três irmãos, contada pela visão do caçula. Ele vai para Londes em 1969, enviado pela família para não entrar na luta armada contra a ditadura no Brasil. Durante os nove anos em que viaja pelo mundo, ele escreve cartas que, no filme, são dramatizadas pelo ator Caio Blat, vencedor do Kikito de Melhor Ator por sua atuação.

A programação da sexta-feira, dia 24, traz logo de início uma mesa de debate com a presença de realizadores de audiovisual em Pelotas que foram selecionados para a Janela de Cinema. A mesa acontece às 15h30min e será mediada pela profª Ana Paula Penkala, da UFPel.

Às 18h30min começa a Mostra Principal, com o curta "O Membro Decaído", do estudante da UFPel Lucas Sá. O filme já foi indicado a prêmios pelo Brasil e exibido fora deste. Em seguida será exibido "Trabalhar Cansa", longa de 2011 dirigido por Marco Dutra que conta a história de uma dona-de-casa que vê a abertura de seu minimercado ameaçada pela demissão do marido e acontecimentos inquietantes acerca do estabelecimento. Às 20h50min é a vez de um dos momentos mais aguardados da Janela de Cinema. Será exibido "O Som ao Redor", Kléber Mendonça Filho dirige este filme considerado um dos melhores lançamentos de 2012 pelo The New York Times. O longa trata do rumo inesperado que os moradores de uma rua no Recife tomam com a chegada de uma milícia que oferece segurança particular.

O sábado, 25 de maio, é o último do evento e começa às 14h com a Mostra Principal. "Sudoeste", drama dirigido por Eduardo Nunes abre os trabalhos com a história de uma mulher que percebe a sua vida durante um único dia, ao contrário das demais pessoas que vivem um dia de cada vez. Excepcionalmente para a exibição deste longa as senhas para ingresso serão distribuídas 30 minutos antes da sessão.

Às 16h30min será realizado um debate sobre Cinema e gênero. A discussão abordará os retratos que envolvem sexualidade e gênero em produções selecionadas para a Janela. Participarão Ana Paula Penkala, professora da UFPel, o organizador da Janela, Renato Cabral e Isadora Ebersol, diretora de "O Livro de Regras de Beatriz", filme exibido na sequência, às 18h30min. A Mostra Principal segue com "Riscado", filme dirigido por Gustavo Pizzi que conta a história de uma atriz que vê sua carreira estagnada até o momento em que, para sobreviver, se submete a trabalhos menores até que ganha um papel em uma produção internacional e vê a sua história retratada no roteiro do novo trabalho.

DIVULGAÇÃO

O Livro de Regras de Beatriz

Às 20h30min será exibido "O Abismo Prateado", filme de encerramento da Janela de Cinema. Ainda não estreado no circuito comercial de Porto Alegre, o drama é baseado na canção "Olhos nos Olhos", de Chico Buarque e conta a história de Violeta, uma linda mulher que acaba de ser abandonada pelo companheiro. "O Abismo Prateado" é dirigido por Karim Ainouz e conta com o protagonismo de Alessandra Negrini (<3).

DIVULGAÇÃO

O Som ao Redor

Guilherme Oliveira

Guilherme Oliveira é professor aposentado. Por designios de uma teodiceia qualquer, atualmente lida com especulação imobiliária. É muito rico.

Por que gostar do que já gostamos?

Há algum tempo, em um pequeno debate sobre influências, um amigo questionou a propensão reprovável e sorrateira que eu e outros amigos temos a glorificar e reafirmar o trabalho daqueles que fazem exatamente a mesma coisa que nós já fazemos. Ao contrário do que ele afirma em sua questão, o motivo, antes de ser obscuro, é evidente:

Egomania. Óbvio. Como bons brasileiros, nós recorremos às trilhas exo-acadêmicas da epistemologia Stallone Cobra, uma espécie de intuição platônica através da qual verificamos a verdade das proposições de maneira semelhante àquela que o Conan utiliza para vencer uma guerra: a gente pega de galera.

Para os não-iniciados, a epistemologia do auê funciona exatamente assim: a gente começa uma coluna fortalecendo a própria opinião junto a um bróder (quanto mais prestigioso melhor) distorcendo às escuras os argumentos de um coitado qualquer que cometeu a loucura de clamar - sozinho! - critérios objetivos para qualquer coisa fora de um ambiente lúcida e friamente controlado (a gente supõe, né), como a academia. Geralmente funciona, experimentem com um colega.

Quando se trata de cultura (e, portanto, de localidade), as vantagens são óbvias: democracia. Estamos propriamente entregues à nossa própria capacidade de decidir o que é bom. Embora pareçamos, cada vez, mais violentos e despreparados a lidar com isso, não dependemos de um grupo autocrático de especialistas para dizer-nos o que é e o que não é bom. Somos livres e responsáveis pela liberdade dos outros – isso, às vezes, é uma merda, mas ainda parece nossa melhor opção.

Consequentemente, a glorificação de trabalhos semelhantes é sim uma espécie de carteiraço egomaníaco. De todo modo, trata-se da centralização do interesse em um cenário de ebulição dispersiva – o que não freia a ebulição, mas cria ilhas esquizóides de interesse que possibilitam a um trabalho o mais simples: durar, sobreviver na selva da diversidade. Assumimos, claro, o potencial de cagada que isso presume, mas temos pretensões contra-hegemônicas, dada a clara tarefa de resguardar essa democracia cultural.

Aliás, no que me tange, eu mesmo já roubei (e continuo roubando) artisticamente o trabalho de muita gente, sempre com o devido reconhecimento e crédito. Essa translação antropofágica, antes de tudo, é um reconhecimento e, portanto, na lógica desse artigo, um fortalecimento do que é alheio ao meu próprio trabalho. A dificuldade, no entanto, é reconhecer essa alteridade sem a excluir (exclusão através da inclusão) e sem a sobrepujar no mesmo processo.

A egomania entra aí: louvarmo-nos, assumindo que, na maior parte do tempo, não temos a mínima ideia do que seja louvável. Em última instância, buscamos o que é igual para dar relevo ao que somos e, assim, também destacar o que não somos. Só aí estão abertas as possibilidades de diálogo.

Canastra Suja
Máquina Loucura (2013)

JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

O lançamento tardio (e póstumo) do segundo disco da Canastra Suja ocasiona a situação sui generis de resenhar-se um disco não apenas com relação ao que veio antes dele (Três minutos para a água ferver – 2010, Cozinha do Desespero – 2011), mas também ao que veio depois - o fim da banda, o début da Musa Híbrida, etc.

"Máquina Loucura" é, como sugere a sua vinheta inicial ("Quando se vive sob a espécie da viagem...", de um poema de Haroldo de Campos), o registro de uma excursão por terrenos desconhecidos. Deixando para trás o estilo rock/blues pelo qual era conhecida, a banda saiu atrás de algo que não existia senão em potencial, algo ainda por definir. (Lembra o Radiohead que sucedeu ao sucesso de "The Bends" e à genialidade de "OK Computer" com a bizarrice eletrônica - e também genial - de "Kid A".) Essa aventura um tanto temerária gerou um disco que está longe de ser perfeito, mas que interessa justamente por isso.

Os discos falhos, num certo sentido, têm mais chance de ser geniais. Hoje o que mais tem é disco redondinho, com tudo no seu devido lugar, mas chato. Isso ao mesmo tempo define a "nova MPB" e explica o seu malogro – tudo é muito bonito, mas ninguém corre riscos. Assumindo o desafio de desconstruir a própria identidade, a Canastra Suja se livra desse perigo, mas se submete a tantos outros.

O novo disco não cabe no rack de rock gaúcho (nem em nenhum outro – o encarte é triangular), mas tampouco encarna decididamente outra estética. Enquanto em "Três Minutos..." a Canastra fazia o que fazia com uma naturalidade quase obscena, aqui eles não parecem em momento algum saber aonde estão indo. O distanciamento-só-que-não do formato "banda" gera desconcertos. Por vezes as partes parecem não encontrar muito bem a forma de conviver entre si, mas permanecem ali como por obrigação.

Logo na primeira faixa, a impressão é de que a batida eletrônica de Vini Albernaz (que viria a desenvolver melhor as suas técnicas na Musa Híbrida) é esparsa demais para que a banda de rock saiba integrar-se a ela. "Cativeiro" assume um formato trip hop e se encontra melhor, ao passo que a voz de Alex Vaz consegue se impor no vazio. A esquisitinha "Príncipe", que já é boa, ficaria melhor com uma bateria suingada estilo folk/jazz - justamente o que os sequenciadores de beats não conseguem fazer. Em alguns momentos, a textura de guitarra/beat lembra o "Angles" dos Strokes (que saiu na época, e também mostra uma banda cansada do próprio estilo), como em "Decanter".

A inquietude vem também nas letras, que abandonaram a sexualidade direta do primeiro disco e ficaram, como as relações retratadas nelas, mais profundas e mais despedaçadas. Isso se deve em parte a uma virada estética de Alex e em parte à estreia de Alércio como letrista. A poesia permeia o disco, para além das vinhetas ao início e fim, nos poemas musicados "Um Decanter", de João Cabral de Melo Neto, e "Antepé" da pelotense Laura Schuch.

Alguns dos melhores momentos do disco vêm em explosões apoteóticas, como o "mais eu sigo enrolado..." de "Cativeiro" e o final de "Loquela", possível melhor faixa do disco, com seu enxerto blues/gospel. As participações de Dudu Freda na bossanovística "Guardanapos" e da argentina Sol Wenceslada em "Antepé" também merecem lembrança, além da estreia de Alércio nos vocais, nesta última, com seu estilo esquisito e meio-falado que acaba combinando bem com a levada hipnótica da canção-poema.

"To do a dull thing with style is preferable to doing a dangerous thing without it. To do a dangerous thing with style is what I call art", ouve-se a voz de Bukowski fechando o disco. Os rapazes da Canastra Suja escolheram o caminho perigoso. Se o percorreram com mais ou menos estilo, fica para cada um de nós julgar.

ecult .com.br

Rolou no site esse mês

Resenha Dirty Lion - NaturezAÇÃO

Grupo Superfície expõe em Montevidéu

Projeto de Daniel Wolff homenageia compositores do RS

Gru lança "Welcome Sucker to Candyland"

Espaço de Arte Theatro Guarany inicia atividades

Massimiliano lança compacto Orleanza